



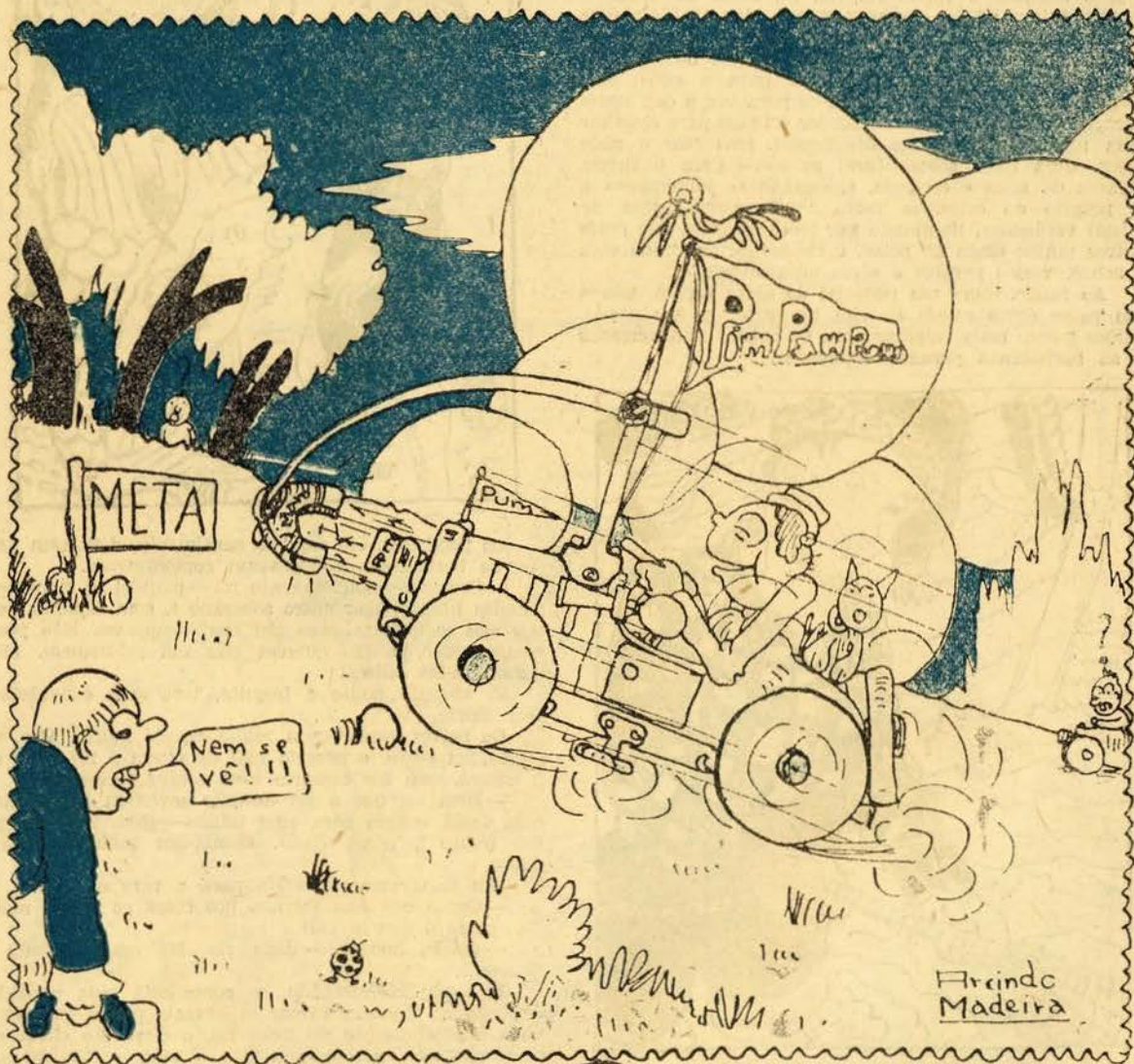
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA

UM NOVO INVENTO DO PUM



Destruindo um certo móvel que o Pai tinha em estimação, o Pum fez um automóvel de sua grande invenção.

Aproveitando um pedaço de ferro e um íman à ponta, e forrando a frente d' aço, sua invenção eis já pronta.

Pelo íman atraída a carripana sem par, em carreira desabrida, vai nas horas de estalar!

UM SONHO

Por MARIA DOLORES CRISTIANO

Desenhos de A. CASTANE



velho moliceiro, ainda esbelto e elegante no negro da sua cor e na bizzaria da sua proa, baluçava, docemente, o seu arcoabóço na agua serena, descansando, amarrado, esverdeado, enquanto o dono dormia.

E como dormia com gosto o Zé da Ana, deitado na proa, dura e alcatroada, com o barrete, já russo, sobre a cara muito morena e barbuda!

Estava, assim, há bocado, a sonhar: — Tinha rapado com o ancinho o fundo da ria, na ansia de apanhar molicho, futuro adubo das suas terras. Mas os filamentos verdes que procurava pareciam ter-se sumido. Nisto, sentiu qualquer coisa pesada sobre os dentes do ancinho, que se quebraram. Curioso, desceu para a agua, que, naquele sitio, era baixa. Abaixou-se para ver o que tinha quebrado o ancinho, e ia a estender o braço para apanhar uma massa informe que distinguira, mas não o pôde fazer. Uma força sobrenatural puxava-o para o fundo, através da agua e do lodo, e, quando se interrogava a si proprio do estranho facto, viu-se numa gruta de cristal verde-mar, iluminada por focos intensos que eram outros tantos olhos de peixe, e ricamente enfeitada com conchas, várias perolas e algas multicolores.

Ao fundo, sobre um pedestal de algas verdes, estava um peixe como nunca se vira na terra, e, a rodeá-lo, outros peixes mais vulgares, com os olhos semi-cerrados e as barbatanas paradas e flaccidas.



Quando Zé da Ana entrou todos se levantaram, e o tal peixe desconhecido falou-lhe assim:

— Zé da Ana: Já não duro muito tempo no meu aquatico reino, porque a minha imprudencia assim o quiz.

«Quem me mandou ir, ontem, passear pela ria, cal-

cando, assim, a lei que me proibe sair daqui? Se não fôsse, não teria, agora, este maldito anzol a matar-me, e os meus fiéis subditos não teriam que eleger outro rei...

E levantava muito as barbatanas, como a afastar a visão da morte que se aproximava...



Os peixinhos, em sinal de sentimento, deixavam pendurar as barbatanas e choravam copiosamente.

— Por isso — continuava o rei — mandei os meus bem amados filhos eleger outro soberano e, com espanto, vejo que eles te querem para seu chefe supremo. Não posso compreender porque querem eles um rei-homem. Mas, enfim, fá-los felizes!

E, abrindo muito a boquita, teve uma convulsão e caiu morto.

Os peixes lamentaram muito aquela morte. Mas, rei morto, rei posto, e parecia mal deixarem o rei novo ali à espera, sem lhe fazerem uma alegre recepção.

— Bem sei que o rei defunto governou bem — dizia uma velha enguia para uma tainha — mas, também, gozou muito á nossa custa. Comia-nos tudo e ralhava muito.

Um papá camarão dizia para a cara metade:

— Oxalá que este rei não nos coma os nossos meninos, como o que lá vai!...

— Credo, homem! — dizia ela. E's muito atreito a cismas!...

E, assim conversando, se comprimia uma multidão de enguias, tainhas, camarões e mais peixes que assistiam á entronização do novo rei, o qual não cabia em si de contente, metido num fato de algas e coroadado com uma grinalda de conchinhas de berbigão, que (não sei se os meninos conhecem) é um belo molusco que vive numa conchinha branca e enrugadinha.

Os peixes do mar, que tinham ido assistir, mais conhecedores dos homens que os da ria, e atendendo á superioridade daquele rei, tinham-lhe levado os mais

diversos utensílios que encontravam no fundo, produto de tantos naufragios, tantos...

Mas o Zé da Ana, apesar da atmosfera de riqueza e carinho que o rodeava, vivia triste. Os peixes, aflitos, mandaram o conselheiro deles inquirir a causa de tal melancolia e apuraram que eram saudades da sua Rosaria.

Mas como se havia de ir buscar a futura rainha, se ela não andava no rio como o homem?!...

— Ora, quando ela vier ao rio, com os bois, para levar o molico—alvitrou um carapau sábio, que viera do mar e ali ficara preso por certa tainha gentil.

Dito e feito. Mal ela metera na agua as pernas morenas, ei-la puxada pela mesma força que tinha levado o marido. Chegada á gruta, foi um nunca acabar de exclamações e abraços ao seu Zé, que ela já julgava perdido. Ele, então, mostrou-lhe o ouro acumulado a um canto e que provinha dum recente naufragio.

— Ai, home! — dizia ela — havemos de dar alguma coisita aos pobres da nossa terra.

E sorria, contente por poder fazer bem.

— Olha, tambem havemos de dar umas roupas ás crianças do *ti Manel* da Azenha, que é uma necessidade, e um dinheiro á *ti Rosa Canela*, para livrar o rapaz, que, se éle vai para soldado, é um desgosto para aquela mãe!

«E tambem alguma coisa para arranjar os sinos da nossa igreja, e mais uns contos para a...»

Mas, nisto, um solavanco fez despertar o pobre adormecido, enquanto, doutro barco, o Joaquim da Venda dizia:

— Forte madraço, rapaz! Então dorme-se até estas horas?!...

Já bem acordado, o marido da Rosaria começa de novo a faina interrompida, a rir-se, de vez em quando, do seu sonho, enquanto, lá longe, uma tainha de dorso prateado saltava na agua serena e os moliceiros, de velas brancas com aquelas alminhas simples, singravam, majestoso, pela ria espelhenta.

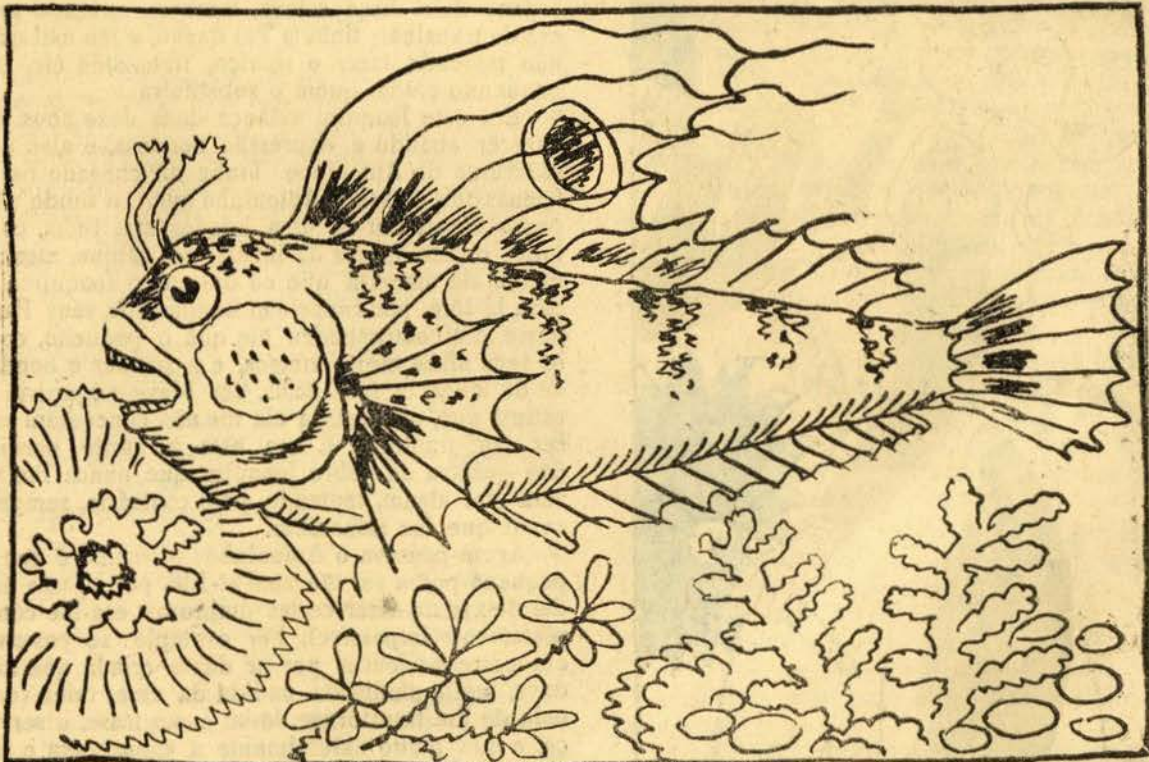
A D I V I N H A



D. Brites está tomando chá. Mas onde está ela ?

(Continua na página 7)

PARA OS MENINOS COLORIREM

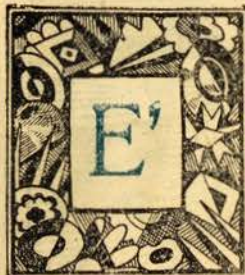


A BLENIA MARIPOSA — (Blenius Ocellaris)

REFLECTINDO

Por MARIA JULIA DE LEMOS

Desenhos de A. CASTAÑE



tardinha. O Antoninho, agora, recostado na cadeirinha de vêrga, gosando a frescura deliciosa que vem das ruas do jardim, regadinhas há pouco, olha distraidamente o sol que se esconde por detrás das árvores, êsse sol que todo o

dia esquentara a terra, fazendo descaír, com o seu ardôr, as corolas das florinhas.

E o pequenito, fatigado por tanto calôr, sentia-se ali muito bem, parecia até que uma sonolência o invadia, a pouco e pouco, fazendo-o alhear de tudo. De tudo, não... junto dele, sentado num banco baixo, Joaquimzito, o filho do jardineiro, ali estava esperando sempre as



órdens dele. Esse estava, também, cansado mas era de trabalhar; tinha o Pai doente e tão mal que, não podendo fazer o serviço, tinha sido êle, tão pequenito ainda, quem o substituíra.

Era êste Joaquim criança duns doze anos, de parecer abatido e expressão bondosa, o alvo das diabruras do Antoninho. Tinha ali chegado havia apenas dois meses. O Antoninho que, no fundo, não podia considerar-se uma criança má, tinha, contudo, o defeito feio da inveja; era rabino, mesmo muito, de maneira que no dia em o Joaquimzito para lá fôra, por concessão bondosa de seus Pais, nesse dia compreendeu êle que o pequeno, com os seus olhos muito meigos, e a sisudez e bondade de todos os seus actos, em breve adquiriria a estima que, ás vezes, a êle lhe não concediam por ser tão traquino. E era esta a razão porque não gostava do pobre Joaquim que nunca lhe fizera mal algum, tentando, pelo contrário, sempre evitar que lhe ralhassem.

Agora pensava o Antoninho: — «como é que o pequeno podia ser tão bom?! Ele, por si, não podia deixar de fazer certas diabruras; era-lhe completamente impossível. Por exemplo: se passava em correrias loucas por pé duma criada que andava, muito afadigada na lida da casa, tinha vontade de lhe transtornar, fôsse como fôsse, o serviço, o que muito naturalmente a exasperava e fazia com que ela se fôsse queixar à Senhora. Daí



resultava, sempre, despedir-se a criada que *nunca aturára um menino assim*, e esse menino, que era sempre castigado, fazia aborrecer todos que com ele conviviam, a-pesar-de ter uma almazinha com proporções para o tornar bom, pois, mal fazia as maldades, imediatamente se arrependia.

Os Pais tinham muita pena que assim fôsse; êle também, mas, lá emendar-se...

O que lhe fazia confusão era o Joaquim! Como *arranjava* êle aquilo de ser tão bom?! Até era demais! Parecia que era para o arrelhar. Nunca fazia maldades! A' hora a que o Antoninho se levantava, já êle, — (que tinha uma grande vontade de aprender e a quem a professora do Antoninho, cativada pela sua grande inteligência, dava lições) — tinha estudado, e estava pronto para suportar a fadga de mais um dia de trabalho, e, o que era ainda pior, as constantes implicações e ralhos do insurportável rapazinho. E com que paciência!... pensava o Antoninho. Não havia nada que fizesse exaltar o *pateta*, como ela lhe chamava, que o fizesse entrar numa luta renhida! Isso era o seu sonho! Mas não. O Joaquim evitava sempre responder aos seus motejos, por bondade, por delicadeza de alma, e, também, pela gratidão que êle tinha para quem o havia acolhido.

Ainda se êle fizesse alguma maldade, — (pensava o Antoninho) — deixaria de ser o menino bonito da casa, a quem todos acariciavam, a quem, até, a sua querida Mãezinha parecia preferir! Ah, isso é que êle nunca poderia suportar!

Já no outro dia a Mamã, tendo que sair a fazer umas compras, chamara o Joaquim e dissera: — «Olha: como o menino está a estudar, e eu hoje não tenho quem me acompanhe, tu vens co-

migo. Está muito calôr e, como já trabalhaste muito, mereces um bocadinho de descanso.

Dai a pouco o velho criado José, que fôra quem contara tudo isto ao Antoninho, tinha, muito surpreendido, visto o Joaquimzito com um lindo fatiinho novo, todo preto, gola branca, muito bem calçado, meter-se no automóvel com a Senhora, e o criado José, acrescentára: — «Verdade se diga, que êle nem parecia senão um menino fino! Aquela carita muito descorada, que nem parece cá da nossa gente, que temos, graças a Deus, bem boas côres, e depois aqueles olhos verdes, tão meigos, tão grandes, que parece que entram no coração; emfim, o menino calcula como eu fiquei estarecido quando o vi, todo *amável*, atrás da Senhora, a mandá-la subir primeiro para o carro!... Intê disse cá p'ra comigo: — isto anda tudo ás avessas! O menino fica em casa e o criado é que vai passear!...

Sim, o Antoninho, calculava tudo e ainda mais alguma coisa que o bom velho se não atrevera a dizer. Que êle não fôra porque ficara de castigo, (que vergonha e que tristeza!) A Mamã levar o Joaquim, quando tinha ali um filho, em casa, que não ia unicamente por ser mau!

E o que pensaria aquele *pateta*, como êle lhe chamava, daquilo tudo?! Olhou, então, para êle; e êle que não estivesse a estudar!

— «Olha lá, ó Joaquim!»

— «O que me quere, menino?»

— «Que estás tu a lêr?»

— «Estava a estudar Gramática; respondeu o pequenito!»

— «Ah! olha, vai buscar-me um copo de água». Tinha que preparar-se para o interrogar. Como



havia de ser?! Se ele pudesse saber o que o Joaquim fazia para todos gostarem tanto dele! Pensando bem a fundo, ele era muito obediente; já vinha ali com o copo de água pedido...

O Antoninho bebeu devagar; pousou-o na mezinha, também de vêrga como as cadeiras, e disse ao Joaquim que se sentasse numa delas. Ele, como de costume, obedeceu, mas muito surpreso. Era tão raro o menino falar-lhe que não fosse para ralar!...

O Antoninho, que não gostava de rodeios, disse de repente: — «Então, tu foste passear com a Mamã, e não me tinhas dito nada?!»

Joaquim levantou, primeiro, sobressaltadamente, para ele, os seus grandes olhos; depois desviou-os sem responder...

— «Ah! e não respondes? (tornou o Joaquim, a provocar). Julguei até que tinhas ficado muito contente! Mas, pelo que vejo, continuas mudo parece...»

— «Olhe, menino Antoninho... Já que me fala nisso, peço-lhe que acredite que fiquei até muito, muito triste!»

— «Anh»?!!

— «E' verdade. Primeiro, quando a sua Mamã me mandou chamar e me disse que era porque o menino estava de castigo, eu, confesso, fiquei contente por ir passear. Mas, depois, pelo caminho, ia a pensar que não era eu, mas sim o menino Antoninho quem tinha o direito de ir ao pé da Mãezinha! E eu ia tão aborrecido que Ela perguntou-me porque era... se eu não gostava de passear com Ela...»

— «E tu que respondeste? perguntou, instintivamente, o Antoninho?»

— «Eu, (tornou o pequeno), ouvi-a perguntar isto com uma voz também triste e, percebendo que ela tinha tanta pena como eu que o menino não fosse, respondi-lhe que gostava imenso de passear com ela mas que era ainda melhor se fosse, também, o menino Antoninho. A Mamã, então, abraçou-me, beijou-me muito e disse-me que gostava que o menino fosse, assim, muito bomzinho. E há-de ser, se Deus quiser!»

— «O quê?! Tu disseste isso? perguntou, admiradíssimo, o Antoninho? E' impossível! E pensava: — como pode ele gostar de mim, fazendo-lhe eu tantas diabruras?!» E continuando alto o seu pensamento: — Tu estás a mentir!...

— «Mas não; afirmou o Joaquim, se eu lhe digo que tive até muita pena, porque bem sei que o menino, se às vezes é assim para mim, é porque não pensa no que faz!»

Assim era realmente.

Agora no cérebro do Antoninho é que lutavam muitos pensamentos contrários: — o Joaquim não lhe tinha embirração! A Mamã estava triste por ele não ter ido! Mas, então, ainda não era tão feliz como julgava! O que era certo é que no seu coraçãozinho, já não predominava aquele sentimento tão feio da inveja pelo Joaquim. E' que o belo carácter do pequenito, tinha tido uma feliz influência no ânimo do Antoninho que, desde êsse dia em diante, passou a ver nele não o rapazito desprezível para ele e invejado pelas suas excelentes qualidades mas um exemplo a seguir e um companheiro de estudos e brincadeiras, querido por ele e por seus pais, como se fosse da família.



UM SONHO — (Continuado da página 2)

No domingo seguinte, quando se encontrou com a mulher (ele, de verão, passava a semana na faina da apanha do molcho, e só ao domingo se encontravam) contou-lhe o sonho que tanto o impressionara.

— Pois era bom, era — dizia a Rosaria. Mas deixá-lo, homem, trabalhando, havemos ainda de ser ricos!

E a profecia de Rosaria começou a cumprir-se...

A pouco e pouco, fazendo economias, foi ganhando mais e mais, até que chegou a comprar um barquinho de pesca, o *Boa Esperança*. Com que alegria ele saiu para o mar pela primeira vez, de pé, na proa do barco, que as vagas levavam de mansinho...

Sob a sua voz potente, os remadores punham, ao mesmo tempo, as pás dos enormes remos na água e o barquito lá ia...

Depressa se tornou notável a boa sorte daquele arrais.

A sua rede vinha sempre carregadinha de peixe de escamas brilhantes, que dansavam, furiosamente, para se libertarem das malhas da sua prisão.

A's vezes, porém, o mar estava mau, e, nessa altura, não era possível ir pescar. E, então, ia para a praia, afagar o *Boa Esperança*, que, na areia dourada, esperava o bom tempo para ir ao mar.

Um dia, um rico brasileiro ofereceu-lhe um lugar nos seus barcos que, no Brasil, faziam viagens pelo rio acima.

— Não aceito — dizia ele. Enquanto tiver uma côdea de borôa para comer, não saio da minha terra! Não quero morrer sem ouvir o sino da nossa igreja a dizer-me adeus, nem enterrar-me longe do cemiterio onde está a minha familia toda!

— Mas, homem, quem te diz que morres lá? E, mesmo, podes morrer no mar — respondeu o brasileiro.

— Não me importo. O mar é meu amigo e sabe guardar bem as suas vítimas!

— Pois olha, aqui nunca serás alguém...

— Deixá-lo, não faz mal!

E safu mal humorado com tal proposta.

O Tempo vai passando...

Este verão, compra um barquinho. Na primavera, aluga um campo melhor, depois compra-o...

E assim, a pouco e pouco, aquelas duas almas conseguem ser uns ricos proprietários. Mas nem por isso abandonaram os seus hábitos simples: trabalham sempre, de manhã á noite, numa doce serenidade, repartindo o produto do seu trabalho com os pobrezinhos, tristes entes abandonados pela sorte...

Chegaram a velhos, muito velhinhos. O Zé da Ana abandonou os seus barcos, que passaram a ser dirigidos pelos seus empregados.

Depois começou a viver da saudade do mar e passava os dias a contar á Rosaria todos os seus misterios e as suas belezas. As vezes assaltava-o, mais que nunca, a nostalgia do mar, e, então, ia, risonho e feliz, contemplar o seu amigo, sentir o cheiro acre da maresia e os salpicos das ondas a borrifarem-lhe a cara rugosa e queimada. Como ele ria, contente, ao vér as ondas pequeninas brincar na areia lourinha!...

As vezes, uma lagrimazinha teimosa descia até se sepultar na barba branquinha. E a Rosaria, que a via, calava-se, respeitava o desgosto d'ele por não poder ir mais para o mar...

Eles lá morreram. Foram a enterrar numa tarde muito calma, quasi á hora em que o sol, afogueado, tombava no horizonte.

Mas o povo recorda sempre os dois velhinhos como exemplo de trabalho e caridade. Toda a fortuna deles foi para obras de caridade e para a construção duma escola onde as crianças vêem a luz da Instrução sob o olhar doce daquelas duas almas simples e boas...

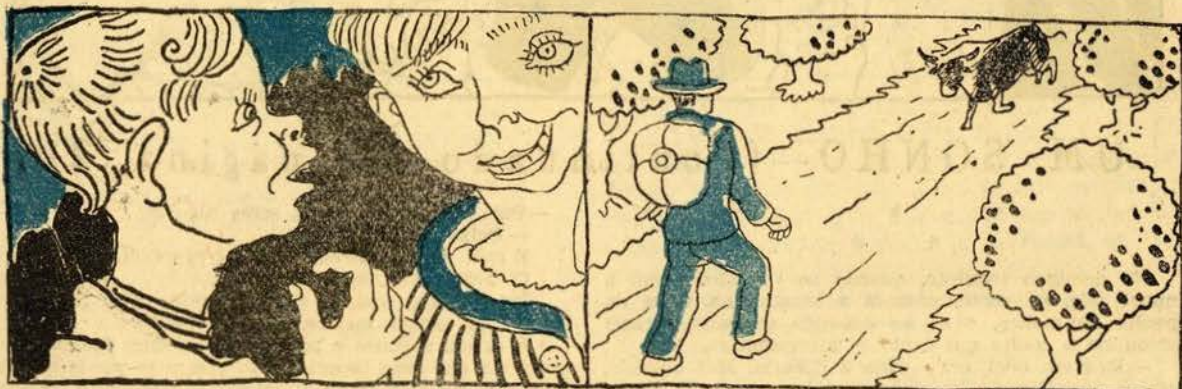
C O N T I N U A N O P R Ó X I M O N U M E R O

A AVENTURA DUM "GLOBE-TROTTER"



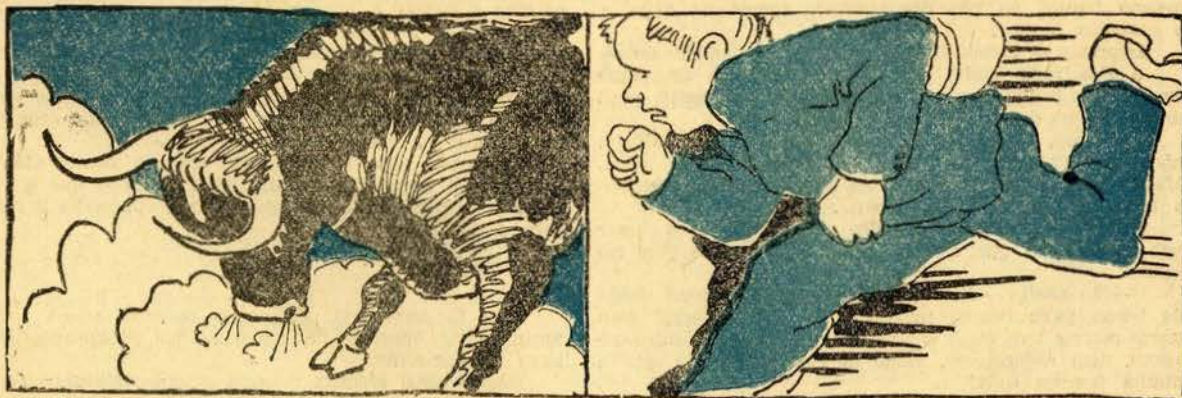
Um dia um certo maduro, em «globe-trotter» armado, resolveu dar volta ao mundo de forma que desse brado.

Então, do modo seguinte, encontrou seu belo ensejo: — andando, a pé, para trás, como faz o carangueijo.



Foi andando ou desandando, desta maneira tão «gira»; e viu-se, vai senão quando, em Vila Franca de Xira.

Atravessando as Lezírias, o nosso herói, dando ao rabo, lá vai indo às arreguas, fazendo a cama ao diabo.



Mas, nisto, um toiro, aparece, com as narinas em fogo; o «globe-trotter», então, de sistema muda logo!...

E, faltando ao prometido, recuar mais não intenta, e foge, mas pra diante, a «nove», a vinte, a quarenta!...